

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Economia

Monografia de Final de Curso

**O PADRÃO DOS CASAMENTOS INTER-RACIAIS NO BRASIL AO LONGO
DAS ÚLTIMAS DÉCADAS**

Patrick Aleixo Braziliano
1811245

Orientador: Miguel Foguel
Rio de Janeiro
Novembro de 2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Patrick Aleixo Braziliano
1811245

O PADRÃO DOS CASAMENTOS INTER-RACIAIS NO BRASIL AO LONGO DAS ÚLTIMAS DÉCADAS

Monografia Final de Curso
Orientador: Miguel Foguel

Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.

Rio de Janeiro
Novembro de 2022

As opiniões expressas neste trabalho são de opinião única e exclusiva do autor.

Agradecimentos

A Deus, por me ajudar a lidar com as dificuldades não só na conclusão desse trabalho, mas também ao longo de toda a graduação.

À minha mãe, Elizabeth. Sem o seu constante apoio não teria conseguido completar essa jornada.

Aos meus avós, Antônio e Izabel, por toda a ajuda na realização dos meus sonhos.

Ao meu orientador, Miguel Foguel, pela sugestão do tema e por sempre responder todas as minhas perguntas pacientemente, sem o qual nada disso seria possível. Além de todos os professores do departamento, por, direta ou indiretamente, contribuírem para a realização desse trabalho.

Ao Apoio Solidário, pelas diversas medidas adotadas que tonaram possível a continuidade da minha trajetória acadêmica.

A amigos e colegas, que estiveram ao meu lado ao longo do curso, e passaram por situações e momentos difíceis comigo.

Ao Climate Policy Initiative, por fim, pela experiência adquirida na área de pesquisa que enriqueceu minha formação acadêmica.

*"Somos mulatos híbridos e mamelucos
E muito mais cafuzos do que tudo mais"*

Caetano Veloso

Resumo

Braziliano, Patrick Aleixo; Foguel, Miguel (Orientador). **O Padrão dos Casamentos Inter-raciais no Brasil ao Longo das Últimas Décadas**. Rio de Janeiro, 2022. Departamento de Ciências Econômicas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este estudo, além de analisar a evolução do padrão dos casamentos inter-raciais nas últimas décadas com base nas PNAD de 1992 a 2015, busca explorar, por meio da decomposição de Blinder-Oaxaca, até que ponto as diferenças nessas tendências por raça e gênero podem ser explicadas por algumas características observáveis dos indivíduos, como educação, idade, localidade e renda. E, assim, descobre que, no geral, é preciso, a fim de explicar as diferenças, olhar para mais do que características dos grupos. No entanto, encontra alguns pontos interessantes, a saber, (i) dois grupos têm estabilidade, sendo um em valores positivos – pardo(a)s e preto(a)s – e outro em valores negativos – branco(a)s e pardo(a)s; (ii) o grupo de branco(a)s e preto(a)s tem valores negativos decrescentes (em módulo) e, por fim, (iii) o padrão é semelhante entre homens e mulheres.

Palavras-chave: Relações Inter-raciais; Casamento; Tendências; Decomposição.

Sumário

1. Introdução	8
2. Contexto Brasileiro	10
3. Dados	13
3.1. Amostra	13
3.2. Construção das Variáveis	13
3.3. Estatísticas Descritivas	15
3.3.1. Identificação Racial	15
3.3.2. Casamentos Inter-raciais	18
3.3.3. Educação	20
3.3.4. Localidade	21
4. Metodologia	22
5. Resultados	23
6. Conclusão	24
7. Referências Bibliográficas	25
8. Apêndice	28
A1. Porcentagem de casamentos inter-raciais de brancos, pardos e pretos, por gênero, ajustando para o tamanho relativo do grupo	28
A2. Porcentagem de casamentos inter-raciais de homens brancos e mulheres brancas, por nível educacional	29
A3. Porcentagem de casamentos inter-raciais de homens pardos e mulheres pardas, por nível educacional	30
A4. Porcentagem de casamentos inter-raciais de homens pretos e mulheres pretas, por nível educacional	31
A5. Porcentagem de casamentos inter-raciais de brancos, pardos e pretos, comparando nível educacional	32
A6. Porcentagem de casamentos inter-raciais de brancos, pardos e pretos, por macrorregiões	33
A7. Porcentagem de casamentos inter-raciais de brancos, pardos e pretos, por região urbana e rural	34
A8. Parte explicada da decomposição para homens e mulheres	35
A9. Parte explicada da decomposição variável por variável para homens	36
A10. Parte explicada da decomposição variável por variável para mulheres	37

Lista de Figuras

Figura 1: Porcentagem de negros na população	15
Figura 2: Diferença entre o percentual de mulheres e homens por raça	17
Figura 3: Porcentagem de casamentos inter-raciais de brancos, pardos e pretos, por gênero	19

Lista de Tabelas

Tabela 1: Composição racial das UF's brasileiras, 1992 e 2015	16
Tabela 2: Decomposição das diferenças nas taxas de casamentos inter-raciais para os diferentes grupos de raça/gênero	23

1. Introdução

O estudo das uniões, sejam elas formais ou não, é importante por trazer a discussão sobre o papel da família e a determinação das escolhas dos indivíduos. [Kalmijn \(1998\)](#) destaca, por sua vez, que, para essa escolha, deve-se considerar uma interação de três fatores: preferências individuais relacionadas às características do potencial parceiro; a capacidade de interferência do grupo ao qual o indivíduo pertence durante o processo de escolha; e a composição do mercado matrimonial, que irá limitar as oportunidades de escolha.

Na sociedade brasileira, existe uma tradição histórica de miscigenação racial desde os primórdios coloniais. E, no período de 1992 a 2015, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), notamos que a proporção de indivíduos que se unem a parceiros de cor distintas tem aumentando em todos os grupos raciais em relação ao total de casamentos; com destaque para as regiões Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste. Já, sobre o nível educacional, percebe-se que há um crescimento daqueles mais escolarizados (com um aumento das uniões em que as mulheres são mais instruídas que os homens); apesar dos grupos com baixa e média escolarização ainda serem importantes nas porcentagens de casamentos inter-raciais.

Além disso, diversos estudos mostram que, nesse período, o Brasil, em vários sentidos, passou por um processo de enegrecimento. Tal alteração da composição racial da população é marcada por pessoas que, no passado, poderiam branquear-se, mas, agora, passaram a assumir-se pretas ou pardas nos levantamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Diante disso, à luz do Censo Demográfico de 2010, vemos que os brancos não são mais a maioria numérica no Brasil.

Este estudo, além de analisar a evolução do padrão dos casamentos inter-raciais nas últimas décadas, busca explorar, por meio da decomposição de Blinder-Oaxaca, até que ponto as diferenças nessas tendências por raça e gênero podem ser explicadas por algumas características observáveis dos indivíduos, como educação, idade, localidade e renda. E, assim, descobre que, no geral, é preciso, a fim de explicar as diferenças, olhar para mais do que características dos grupos. No entanto, encontra alguns pontos interessantes, a saber, (i) dois grupos têm estabilidade, sendo um em valores positivos – pardo(a)s e preto(a)s – e outro em valores negativos – branco(a)s e pardo(a)s; (ii) o grupo de branco(a)s e preto(a)s tem valores negativos decrescentes (em módulo) e, por fim, (iii) o padrão é semelhante entre homens e mulheres.

Cabe apontar, porém, que uniões inter-raciais não são panaceia para problemas duradouros em uma sociedade racialmente estratificada. E, de fato, no Brasil, apesar de uma certa sociabilidade inter-racial difundida, há evidência de que coexiste com desigualdades persistentes, cujas origens são históricas. A população de cor preta ou parda possui severas desvantagens em relação à branca, no que tange diversas dimensões como mercado de trabalho, distribuição de rendimento e condições de moradia, educação, violência e representação política. Assim, o caso brasileiro mostra que altas taxas de casamentos exogâmicos e baixos níveis, para o padrão dos Estados Unidos (EUA), de segregação residencial entre brancos, pardos e pretos não implica necessariamente maior aceitação de grupos externos, contrariando os pressupostos da teoria sociológica.

Revisão de literatura. Há muito tempo, diversos autores argumentam que o casamento entre pessoas de grupos heterogêneos (exogamia ou heterogamia) tem muitas propriedades úteis para entender a extensão da rigidez ou permeabilidade das fronteiras sociais em uma determinada sociedade ([Gordon 1964](#); [Kalmijn 1998](#); [Qian e Lichter 2007](#)). Sua ocorrência, na perspectiva assimilacionista, emerge como o operador lógico do processo de assimilação social e cultural dos diversos grupos étnicos e raciais à sociedade abrangente. Assim, quanto mais segmentado ou estratificado o contexto, seja em termos econômicos, sociais, étnicos, raciais ou religiosos,

maior a probabilidade de haver uniões entre grupos homogêneos (endogamia ou homogamia).

Não surpreendentemente, a literatura sobre casamentos exogâmicos é dominada por casamentos inter-raciais (Hou et al. 2015; Lee e Edmonston 2005; e Qian e Lichter 2011), dado o papel importante tanto da raça quanto das fronteiras raciais em muitos países. Sendo assim, associam o aumento do casamento entre raças como um indicador particularmente significativo de distância social reduzida entre grupos raciais e tolerância racial (Alba e Nee 2003; Lee e Bean 2010). Além disso, segundo Kalmijn (2012), a ocorrência e a difusão deste tipo de união possui a capacidade de influenciar as normas sociais sobre sua aceitabilidade nas gerações futuras.

Contudo, o casamento entre indivíduos que representam grupos distintos não é tão comum quanto a endogamia. Wong (2003), por exemplo, investiga a baixa taxa de casamentos inter-raciais entre homens negros e mulheres brancas, em 1990, nos EUA, estimando um modelo estrutural que permite um “tabu do acasalamento”. Com isso, sugere que o tabu, ou preferências, explica a maior parte do déficit neste tipo de união.

Ainda assim, grande parte dessa literatura concentra-se em sua relação com a educação dos indivíduos uma vez que pessoas mais educadas têm atitudes mais individualistas e universalistas e são menos apegadas à família e à comunidade de origem, tornando-as mais tolerantes e propensas a se casarem com membros de grupos externos (Kalmijn 1998). E, de fato, Qian (1997) e Fryer (2007) encontram uma relação positiva entre a escolaridade e a probabilidade de um casamento inter-racial nos EUA.

Por fim, pensando no papel que o tamanho do grupo tem na determinação da endogamia, Anderberg e Vickery (2021) exploram, no Reino Unido, uma forte variação regional na composição racial decorrente diretamente dos padrões de assentamento dos imigrantes no pós-guerra. Assim, descobrem que indivíduos negros e asiáticos são mais propensos a se casar dentro de sua própria etnia em regiões onde a densidade de seu próprio grupo é relativamente alta.

Motivação. No Brasil, de fato, há um conjunto razoavelmente numeroso de estudo sobre o mercado matrimonial brasileiro envolvendo aspecto de raça/cor. Os três tipos de abordagem mais frequentemente adotados nesses estudos são: observações antropológicas ou qualitativas, registros civis de casamento e dados agregados (como censos e pesquisas por amostragem populacional). Contudo, o período que esses trabalhos analisam, em sua maioria, são bem defasados e, em alguns casos, tendem a focalizar regiões específicas do país; além de trabalharem, em sua grande maioria, com modelos log-lineares.

Esse trabalho, então, busca contribuir para a literatura em três pontos. Primeiro, estende a literatura empírica sobre casamentos inter-raciais no Brasil. Segundo, apesar dos Censos serem uma fonte padrão para examinar casamentos inter-raciais, a fim de fornecer tendências mais atuais, utiliza a PNAD. Terceiro, fortemente inspirado em Fryer (2007), trabalha com uma abordagem metodológica nova (decomposição de Blinder-Oaxaca) que descortina novas possibilidades a perguntas antigas.

Organização. O restante deste trabalho está organizado da seguinte forma: seção 2 apresenta um breve contexto histórico sobre o mercado matrimonial brasileiro; seção 3 descreve as fontes de dados e apresenta estatísticas descritivas que circunda a temática discutida neste trabalho; seção 4 apresenta a estratégia empírica; seção 5 discute os resultados e, finalmente, seção 6 conclui.

2. Contexto Brasileiro

As relações inter-raciais iniciaram-se no Brasil, no âmbito da vida privada, desde os primórdios da colonização devido a uma desigual proporção de gênero entre os colonizadores, qual seja, homens europeus superavam em muito as mulheres europeias durante o período colonial. Dada essa escassez de mulheres brancas, os colonizadores portugueses buscavam as não brancas como companheiras e parceiras sexuais (Wade 1997; de la Fuente 2001; Telles 2004). No entanto, muitas das vezes, tais relacionamentos eram altamente marcados pela violência. Sendo assim, estabeleceu-se na sociedade brasileira uma tradição de mestiçagem tanto por meio de relações sexuais violentas quanto de uniões informais e formais.

Além desse aspecto demográfico, no que se refere a questão racial no Brasil, é importante destacar o papel da ideologia do branqueamento, que era amplamente aceita no final do século XIX, e sua consequente atuação na política imigratória. Os dados do Censo Demográfico de 1890 apontam que, na época da abolição da escravidão, os negros representavam 56% da população brasileira. Diante desse contexto, havia um receio por parte da elite brasileira, a partir de ideias (pseudocientíficas) deterministas e evolutivas, com o fato da expressiva população negra dar a aparência de país de segunda classe e, com isso, afetar o desenvolvimento futuro (Telles 2002). Com o intuito de embranquecer a população, a imigração europeia foi incentivada. E, de fato, entre 1890 e 1930, cerca de 3,4 milhões de imigrantes entraram no país, em sua maioria portugueses, italianos, espanhóis e alemães (Soares 2008). Essa entrada massiva de europeus entre as décadas finais do século XIX e iniciais do século XX foi pautada na crença de que os genes dos brancos eram dominantes e com o casamento haveria um embranquecimento da população e, conseqüentemente, isto mudaria o status do Brasil no mundo (Skidmore 2012).

Cabe apontar, também, que ao contrário de lugares como EUA e África do Sul, sanções formais contra o casamento inter-racial têm estado em grande parte ausentes da experiência brasileira. Assim, embora a variável cor tenha sua autonomia e importância para o mercado matrimonial, a possibilidade muito real de tais uniões no Brasil sugere, em termos comparativos, que as normas derivadas de ideologias nacionais de mestiçagem continuam a ser amplamente aceitas (Telles e Garcia 2013), indicando uma certa sociabilidade inter-racial difundida.

O censo de 1960 apontou que, naquele ano, 8,2% dos casamentos eram inter-raciais no país. Em 2010, esse percentual saltou para 30,7% (Beltrão, Sugahara e Teixeira 2012). Nota-se, então, que a endogamia, maior entre os pretos, seguida pelos brancos e menor entre os pardos (Petruccelli 2001a; Silva 1987), apesar de mais comum, tem declinado. No entanto, o casamento está longe de ser formado aleatoriamente e a probabilidade de se casar de forma exogâmica não é igual para todos os grupos raciais.

Os pardos, socioeconomicamente mais próximos dos pretos, se distanciam destes no que diz respeito à preferência matrimonial, o que se traduz no maior número de casamentos inter-raciais entre membros deste grupo com os do grupo branco (Telles 2003). Apesar disso, Ribeiro e Silva (2009) sugerem, em uma análise das tendências de longo prazo nas possibilidades relativas de casamentos inter-raciais, que há uma tendência maior do crescimento de casamentos entre brancos e pardos, seguido de casamentos entre pardos e pretos e em menor proporção, os casamentos entre brancos e pretos.

As mulheres pretas, por sua vez, segundo Berquó (1987), são o grupo menos desejado no mercado matrimonial, se comparado à situação das mulheres brancas e pardas; o que é reforçado pelo fato de haver mais casamentos entre homens com tons de pele mais escuros e mulheres com tons de pele mais claros do que o contrário (Longo 2011; Silva 1987; Telles 2004). Telles (2003), contudo, aponta que mesmo nessas uniões entre homens pretos e mulheres brancas, o fato da cor mais escura ser considerado uma desvantagem leva o indivíduo a ter que compensar sua posição no casamento com alguma outra característica reveladora de status social, como,

por exemplo, uma escolaridade maior.

Com respeito às diferenças geográficas nas taxas de casamentos inter-raciais, segundo [Telles \(2004\)](#), é importante se atentar para a proximidade ou extensão da interação inter-racial e não para graus de tolerância. Uma vez que a percentagem da população branca aumenta à medida que se vai de norte a sul, é esperado que a exogamia de brancos seja maior, por exemplo, no Nordeste, onde teria uma maior propensão a interagir com pardos e pretos. Com isso, destaca-se o papel que as características dos mercados matrimoniais locais possuem na probabilidade de encontros casuais entre quaisquer dois grupos, em particular o tamanho relativo do grupo externo.

De modo similar, usa-se o mesmo argumento para explicar as diferenças de classe. A narrativa brasileira de mistura racial é muitas vezes tratada como afetando uniformemente todos os setores da população brasileira. No entanto, no Brasil, onde os níveis de desigualdade social estão entre os mais altos do mundo, é provável que tenha sido especialmente comum em estratos sociais mais baixos, onde pessoas de várias matizes e fenótipos coexistiram em grande número e assim tiveram maiores oportunidades de interagir ([Telles 2004](#)). Assim, a associação feita entre a aceitabilidade do casamento inter-racial e a classe à qual os indivíduos pertencem encontra confirmação na hipótese defendida pela ampla literatura qualitativa sobre o tema, a saber, de que a maioria dessas uniões decresce à medida que subimos na escala social.

Embora, o discurso explícito de branqueamento possa ter desaparecido, ele parece estar vivo de forma sutil no tecido social. Apesar do Brasil ser a segunda maior nação negra do mundo, possui uma televisão fundamentalmente representada por pessoas brancas. Com isso, a recorrente propaganda televisiva da fisionomia branca tende a normalizar implicitamente a desvalorização das pessoas de pele escura. Dada, então, a construção do ideal de beleza e de status social da identidade branca, é possível que tons de pele mais claros afetem positivamente o conjunto de escolha de potenciais parceiros (as) afetivos ([França, 2020](#)).

A televisão representa um poderoso veículo de transmissão, crenças e valores para grande parcela da população a um baixo custo ([La Ferrara, Chong e Duryea 2012](#)). No caso do Brasil, é importante destacar o papel das novelas, visto que são consideradas como um poderoso instrumento de difusão e formação da identidade brasileira ([Campos e Júnior 2015](#)). Entretanto, [Araújo \(2000\)](#), em sua análise arquivística dessa principal indústria audiovisual e dramaturgica do país, constatou que a celebração popular da mestiçagem – apesar de ser o tema dominante nos romances de Jorge Amado, e ter sido elevada a um lugar de destaque na cultura nacional – raramente foi defendida ao longo dos cinquenta anos das telenovelas brasileiras. Além disso, quando abordada, os atores envolvidos muitas das vezes sofriam hostilidades por causa da história, como foi com Zezé Motta e Marcos Paulo, em 1985, na novela “Corpo a Corpo”, de Gilberto Braga.

Uma das características mais marcantes do contexto racial brasileiro é que ele se baseia em observações um tanto contraditórias. Embora, o alto índice de casamentos inter-raciais e a consequente alta proporção de pardos sejam indicadores de tolerância racial, há evidências de que coexistem com desigualdades persistentes entre brancos e não brancos em termos de salários e outras medidas de padrão de vida ([Arias et al. 2004](#); [Campante et al. 2004](#); [Telles 2004](#)). Assim, o caso brasileiro mostra que altas taxas de casamentos exogâmicos e baixos níveis, para o padrão dos EUA, de segregação residencial entre brancos, pardos e pretos não implica necessariamente maior aceitação de grupos externos, contrariando os pressupostos da teoria sociológica.

Nesse sentido, as análises quantitativas de dados agregados sobre os casamentos inter-raciais não desvelam por completo todas as dimensões que envolvem essa forma conjugal e as representações e valores sociais que orientam tais escolhas ([Mountinho 2004](#)). Casar-se com um parceiro de raça/cor distinta, provavelmente trará uma série de consequências importantes para a nova família que se inicia, principalmente, se este casal vier a ter filhos e até mesmo

desafios dentro do próprio relacionamento em virtude de hostilizações sociais. Assim, embora muitas uniões exogâmicas do ponto de vista racial sejam, certamente, amorosas e duradouras, é improvável que essa variável perca seu significado e importância para esses casamentos.

3. Dados

3.1. Amostra

Para analisar os padrões de casamentos inter-raciais ao longo do tempo, utilizo os dados extraídos das edições disponíveis da PNAD que cobrem o período de 1992 a 2015¹, divulgadas pelo IBGE. Neste período, a forma de investigação adotada pela PNAD permaneceu praticamente a mesma, o que permite realizar com certa segurança comparações intertemporais e reconstruir, sob diversos aspectos, a rede de inter-relações relevantes para a compreensão dos fenômenos socioeconômicos que vêm ocorrendo na história recente do Brasil ([Jesus e Hoffmann 2020](#)). De interesse particular para esta pesquisa são as informações sobre cor ou raça. Três grupos serão analisados: brancos, pardos e pretos. Devido às restrições impostas pela baixa representação das populações indígena e amarela no total da população brasileira quando se utilizam dados amostrais, os mesmos serão excluídos da amostra.²

No que diz respeito à cor da pele ou raça³, a coleta de dados é baseada na autodeclaração e, desta forma, o morador do domicílio entrevistado pode prestar as informações sobre si mesmo e, também, sobre todos os demais moradores do domicílio. Entretanto, essa heterodeclaração da família é feita por uma pessoa muito próxima daquela a ser classificada, não havendo, portanto, razão para suspeitar que a classificação realizada dessa maneira seja muito diferente daquela que seria autodeclarada. Apesar disso, cabe apontar que podem surgir divergências, pois a decisão sobre como classificar outros membros pode ser baseada no conhecimento do respondente sobre a autoclassificação dessa pessoa ou simplesmente em sua percepção.

Para a análise a seguir, a amostra passou por uma filtragem com o intuito de incluir apenas a população em uma situação de casamento⁴, contudo foi considerada como casados aqueles que ocupavam a posição de ‘cônjuge’ na família. É possível que nesse grupo estejam não apenas os casamentos registrados no civil, mas também as uniões consensuais e como mostrou [Longo \(2011\)](#) essas tendem a apresentar níveis mais elevados de exogamia racial. Tal consideração foi feita, pois nos dados só constam o estado civil a partir da PNAD 2009 e a natureza da união a partir da PNAD 2011. Trata-se, então, de uma limitação no presente trabalho. Dessa forma, na ausência da diferenciação entre os vários tipos de união, uso os termos casamento e união alternadamente ao longo do texto.

3.2. Construção das Variáveis

Casamento inter-racial é uma medida da taxa de uniões exogâmicas para cada grupo racial, calculada tendo como denominador o número de pessoas casadas dentro deste.

Educação é uma medida de escolaridade baseada em variáveis categóricas para os diferentes níveis de ensino: (i) primário incompleto e sem instrução (até 3 anos, inclusive); (ii) primário completo e 1º grau incompleto (4 a 7 anos de estudo); (iii) 1º grau completo e 2º grau incompleto (8 a 11 anos de estudo) e (iv) 2º grau completo, superior completo e incompleto (12 anos de estudo ou mais).

¹A pesquisa foi interrompida para a realização do Censo 2000 e 2010. E, em 1994, por razões excepcionais, a PNAD não foi realizada. Além disso, as estatísticas do período de 1992 a 2003 não agregaram as informações das áreas rurais de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá. A partir de 2004, contudo, os resultados apresentados agregam as informações das áreas urbana e rural para todas as Unidades da Federação (UF's). Apesar disso, por uma questão de consistência, as áreas rurais dessas regiões foram retiradas da análise para todas as PNAD após 2004. Sendo assim, o percentual da amostra que é retirado por conta desse filtro foi de 1%.

²Considera-se a percentagem adotada pelo IBGE, a saber, 1%.

³A cor da pele e a raça são considerados conceitos intercambiáveis no Brasil ([Rangel, 2015](#)).

⁴Não foram consideradas as uniões homoafetivas. Além disso, as características de cada cônjuge foram obtidas na data da pesquisa e não no momento do casamento.

Idade é uma variável contínua que representa a idade do cônjuge.

Renda é uma variável contínua que representa a renda real.⁵

Localidade é uma medida de região baseada em variáveis categóricas para os diferentes locais de residência: Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul.⁶

Urbana é uma variável *dummy* que representa a situação censitária do indivíduo. Ela é igual a 1 se o indivíduo reside em uma área urbana e 0 caso contrário.⁷

⁵Optou-se pela utilização da renda em nível. Além disso, foram consideradas todas as fontes.

⁶Para não se gerar problema de multicolinearidade, na avaliação empírica, exclui-se uma região. Assim, todas as análises de localidade serão relativas a ela.

⁷As situações dos domicílios classificadas de 1 a 3 foram agregadas para abarcar as áreas urbanas enquanto as de 4 a 8, as áreas rurais.

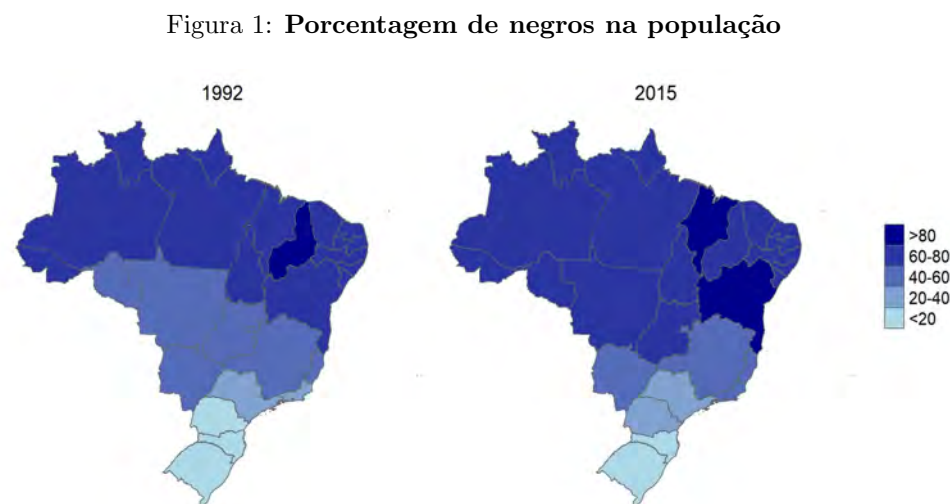
3.3. Estatísticas Descritivas

3.3.1. Identificação Racial

No Brasil, tecer análises e reflexões sobre as características étnico-raciais é algo complexo na medida em que diversas categorias sociais são postas em concorrência e em diálogo constante. Sendo assim, estudos salientam o caráter fluido da classificação racial brasileira, onde a noção de raça e seus termos correlatos devem ser compreendidos além da cor da pele, como construções locais, históricas e culturalmente determinadas (Telles 2002; França 2020, Silveira e Tomas 2019).

Diante disso, nas últimas décadas, trabalhos acadêmicos demonstram que o Brasil vem passando por um processo de mudança demográfica caracterizada por um aumento da proporção de indivíduos que se classificam como pardos ou pretos que não podem ser explicados exclusivamente por diferenças raciais em taxas de natalidade ou mortalidade (Soares 2008, Jesus e Hoffmann 2020). Como foi dito anteriormente, a identidade racial não é mera consequência da cor dos nossos pais. É uma construção social para a qual contribui o lugar que as pessoas ocupam na sociedade e, também, como as próprias pessoas se veem. Assim, o modo de as pessoas construírem suas próprias identidades não é constante ao longo do tempo; podendo até mesmo ser reflexo da implementação de políticas públicas.⁸

Para ilustrar isso, a Figura 1 apresenta a proporção de negros na população de cada UF brasileira, em 1992 e 2015. Como pode ser visualizado a partir destas figuras, houve considerável ampliação na proporção de negros nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte. Contudo, por meio da Tabela 1, se pode observar que não ficou circunscrito apenas a essas localidades pois, em praticamente, todos os estados brasileiros houve uma redução da porcentagem de brancos acompanhado de um aumento na proporção de pretos e pardos. Por isso, argumenta-se que qualquer análise intertemporal, a partir dos anos 2000, que envolva autodeclaração de cor ou raça, é potencialmente afetada por esse processo de mudança na identificação racial.



Nota: O mapa apresenta a porcentagem de negros na população em 1992 e em 2015.

Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 e 2015.

Além disso, dada a grande diversidade histórico-cultural, é natural esperar que existam diferenças na forma como a população se identifica racialmente entre as UF's. E, de fato, Silveira (2019), Muniz e Bastos (2017) mostram que um mesmo indivíduo pode ser classificado em

⁸Francis-Tan e Tannuri-Pianto (2015) estimaram o efeito das cotas raciais sobre os padrões de identificação racial de alunos da Universidade de Brasília. Os resultados do estudo sugerem que as cotas raciais inspiraram uma mudança persistente na identificação racial de não negro para negro e de categorias raciais mais claras para mais escuras.

diferentes categorias de cor ou raça, dependendo da região do país em que se encontra. Por exemplo, pessoas com a mesma tonalidade de pele podem se classificar como brancas (pardas) na Bahia ou pardas (pretas) em Santa Catarina. Sendo assim, o *continuum* de cores do Brasil é relacional, com a categorização dependendo, para cada região, tanto dos perfis fenotípicos particulares mais prevalentes quanto dos legados históricos de migração únicos (Monk 2013).

Tabela 1: **Composição racial das UF's brasileiras, 1992 e 2015**

	Branco		Pardo		Preto	
	1992	2015	1992	2015	1992	2015
Distrito Federal	48	43.1	48.1	46.2	3.9	10.7
Goiás	49	39.5	48.1	51.9	3	8.6
Mato Grosso	40.8	34.2	56.1	55.8	3	9.9
Mato Grosso do Sul	57.7	46.8	40.3	47	2	6.2
Alagoas	38.8	25.9	56.9	63.7	4.3	10.3
Bahia	24.2	18.6	65.7	56.2	10.1	25.2
Ceará	33.7	26.4	62.7	68.5	3.6	5.1
Maranhão	21.5	19.6	71.4	66.6	7.1	13.8
Paraíba	36.2	34.8	59.7	58.4	4.2	6.8
Pernambuco	37.2	30.4	58.2	59.8	4.5	9.8
Piauí	20	21.2	75.9	67.6	4.1	11.3
Sergipe	29.4	24.9	65	65.8	5.7	9.3
Rio Grande do Norte	34.9	37.8	62.4	55	2.8	7.2
Acre	28.2	21.4	71	68.4	0.8	10.2
Amapá	32.5	25.1	64.6	66.3	2.8	8.6
Amazonas	35	20.2	62.6	74.4	2.4	5.4
Pará	29.9	20.1	67.4	71	2.7	9
Rondônia	48	32.6	49.2	57.1	2.9	10.3
Roraima	33.1	22.6	62.4	67.1	4.5	10.3
Tocantis	23.8	23.2	73.8	66	2.4	10.8
Espírito Santo	47.2	43.2	47.6	43.9	5.2	12.9
Minas Gerais	55.6	42.9	36.8	45.8	7.6	11.3
Rio de Janeiro	63.8	47.3	25.8	38.2	10.3	14.5
São Paulo	76.5	63	19.7	29.6	3.9	7.3
Paraná	80.4	70.1	17.6	26.5	2	3.4
Rio Grande do Sul	89.2	82.6	7	11.3	3.8	6.1
Santa Catarina	93.4	86.8	5	11.7	1.6	1.5

Nota: A tabela apresenta a composição racial da população em 1992 e em 2015 para cada estado.

Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 e 2015.

Neste trabalho, fez-se a opção pelo emprego da categoria racial preta e parda. Tal escolha foi feita devido ao fato desses dois grupos separados terem diferentes probabilidades de se casar com brancos. Contudo, é importante destacar que diferentes métodos de classificação podem levar a diferentes análises, a saber, a agregação destas em apenas uma, a dos negros. Embora não exista tal categoria no sistema de classificação étnico-racial adotado pelo IBGE, sua utilização tornou-se comum na literatura sobre a temática no país uma vez que diversos estudos empíricos mostraram, por meio de uma série de indicadores socioeconômicos, não haver grandes diferenças entre aqueles que se definem como pretos ou pardos (Guimarães 2003).

Figura 2: Diferença entre o percentual de mulheres e homens por raça



Nota: O gráfico apresenta a evolução temporal da diferença da proporção de mulheres e homens por raça.

Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 a 2015.

Por fim, por meio da [Figura 2](#), nota-se que o padrão de declaração racial é distinto quando se compara mulher e homem, pois a proporção de mulheres declaradas como brancas é relativamente maior do que os homens. Por sua vez, o contrário pode ser dito quando se fala da categoria preta. Uma possível hipótese, segundo [França \(2020\)](#), para explicar esse padrão seria a pressão social para o embranquecimento das mulheres ser maior do que para os homens. Contudo, deve-se pontuar que ao longo do tempo teve um aumento, em comparação aos homens, na porcentagem de mulheres declaradas como pardas.

3.3.2. Casamentos Inter-raciais

A [Figura 3](#) mostra as tendências do casamento inter-racial para brancos, pardos e pretos ao longo do tempo. O Painel A documenta as tendências do casamento inter-racial entre brancos. Em 1992, uniões inter-raciais entre brancos e pardos ou pretos não eram raras (cerca de 19% de todos os casamentos). Os brancos eram mais propensos a se casar com pardos do que com pretos, e essa tendência continua sendo verdade. Houve um aumento de 17% em 1992 para 27% em 2015.

Nos primeiros 9 anos ao longo da série temporal, a proporção de casamentos entre homens brancos e mulheres pretas permaneceu sob um valor menor que 1%, com tendência de alta de 2002 a 2015, e atingiu, nos últimos anos, o valor de 2.5%. Já, as uniões entre mulheres brancas e homens pretos aumentaram de 0.9% em 1999 para 3% em 2015.

Homens e mulheres pardas apresentam uma trajetória de uniões ao longo do tempo semelhante à dos brancos. O Painel B retrata justamente que os casamentos inter-raciais mais comuns são entre pardos e brancos. Embora, nos últimos anos, tenha tido um aumento nos relacionamentos com pessoas pretas. Para os homens pardos teve um aumento de 1% em 1992 para 3% em 2015. Enquanto, para as mulheres pardas teve um aumento de 2% em 1992 para 4% em 2015.

Por sua vez, os casamentos entre pretos e brancos ou pardos apresentam um padrão diferente. No Painel C, vemos que estes são mais propensos a se casar com pardos do que com brancos. Em 2015, por exemplo, representavam cerca de 35% de todos os casamentos. Sendo que, no caso das mulheres pretas, há uma certa proeminência nesse tipo de união a partir de 2006. Ainda assim, os relacionamentos com pessoas brancas – algo mais comum aos homens pretos do que as mulheres pretas – têm tido uma trajetória de alta ao longo do tempo.

De modo geral, essa breve análise das uniões inter-raciais, ao longo do tempo, revela que, apesar da endogamia ser preferida, as taxas de casamentos entre pessoas de cor distintas são maiores no Brasil se compararmos às dos EUA e da África do Sul ([Telles 2003](#); [Fryer 2007](#)). Além disso, esses resultados sugerem que na esfera da sociabilidade representada pela união matrimonial, tanto brancos quando pretos se encontram relativamente mais próximos de pardos.

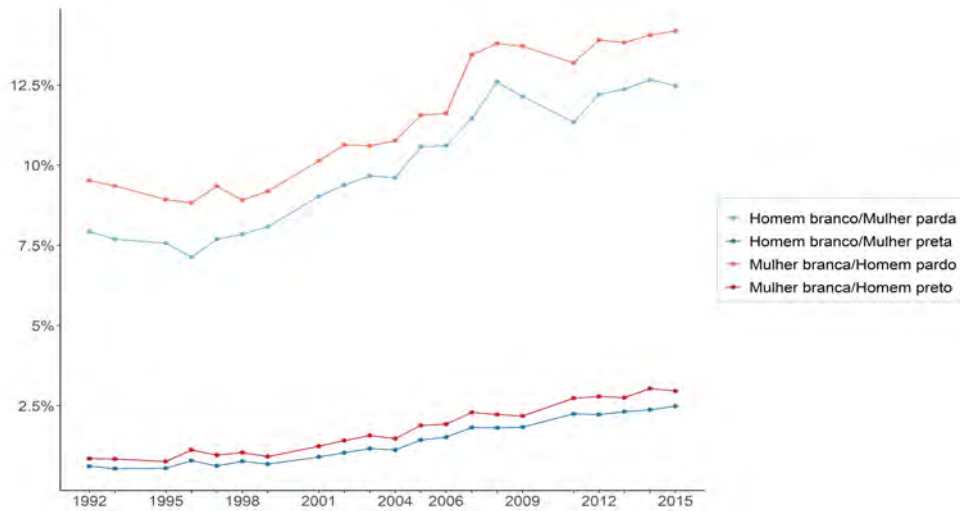
Ajustando para o tamanho dos subgrupos

As taxas observadas de uniões inter-raciais não são apenas resultado de preferências, mas também estão relacionadas a oportunidades, que incluem a probabilidade de conhecer um cônjuge com certas características, o que implica dizer que os casamentos não são aleatórios. Por isso, devemos considerar as características estruturais dos mercados matrimoniais, como é o caso do tamanho relativo do grupo. Sendo assim, as tendências não ajustadas apresentadas anteriormente precisam ter cuidados na interpretação.

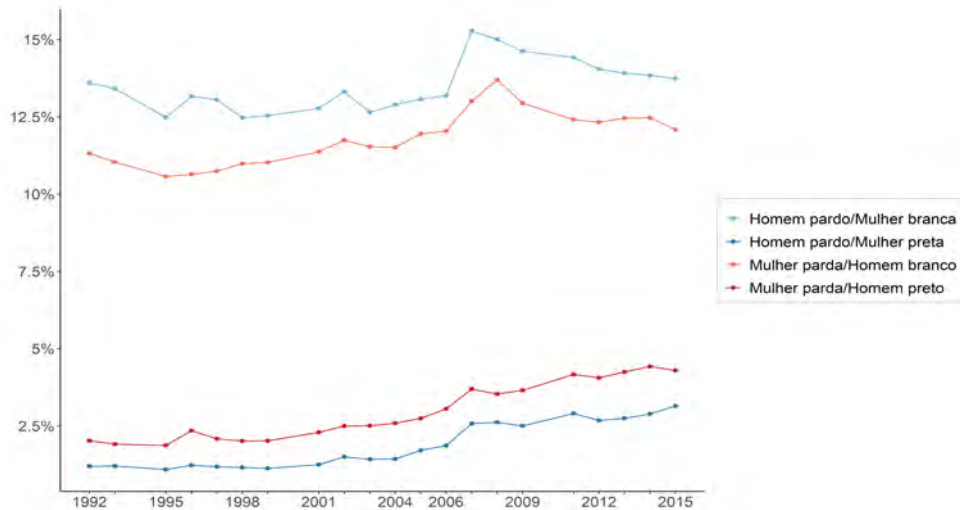
Feito o ajuste na [Figura A1](#), parece que o retrato do casamento inter-racial é diferente. Entre os brancos, a propensão a se casar com pessoas pretas aumenta ainda mais devido ao fato da população preta ser a menor. O mesmo acontece para os pardos; em particular, as mulheres pardas se tornam mais propensas a se casar com homens pretos, não brancos. Uniões entre homens pardos e mulheres brancas e homens pardos e mulheres pretas ocorrem aproximadamente com a mesma frequência. Já entre os pretos, a história é relativamente parecida.

Figura 3: Porcentagem de casamentos inter-raciais de brancos, pardos e pretos, por gênero

(a) Brancos



(b) Pardos



(c) Pretos



Nota: Os gráficos apresentam a evolução temporal da proporção de casamentos inter-raciais por gênero e raça.

Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 a 2015.

3.3.3. Educação

Apesar da literatura apontar uma relação positiva entre a educação do indivíduo e a probabilidade de se casar com membros de grupos externos, vide os resultados encontrados por Fryer (2007) para os EUA, notamos que, no Brasil, onde os níveis de desigualdade estão entre os mais altos do mundo, as uniões inter-raciais parecem ter sido especialmente comuns entre gradientes educacionais mais baixos.

As Figuras de A2 a A4 apresentam a porcentagem de casamentos inter-raciais para homens e mulheres de cada grupo de cor, por nível educacional, e deixam evidente o fato que havia uma nítida separação entre os casamentos dos mais escolarizados que se situavam num patamar inferior (5,2%, 7%, 7,2% dos casamentos para brancos, pardos e pretos, respectivamente), ainda que levemente crescente, do casamento entre os grupos com baixa e média escolarização (13,7%, 20,9%, 33,5% dos casamentos para brancos, pardos e pretos, respectivamente) em 1992. Contudo, ao longo do período de análise, tem tido um aumento da proporção das uniões inter-raciais das pessoas mais educadas. E, em 2015, elas representavam 19,2%, 19%, 34,3% dos casamentos para brancos, pardos e pretos, respectivamente. De modo geral, houve uma certa redução das taxas que correspondem ao nível ≤ 3 . Ainda assim, é possível notar o destaque que esta categoria, juntamente com 4–7, desempenham nas porcentagens de casamentos inter-raciais.

Por fim, contabilizando a participação de cada grupo racial dentre de cada nível educacional, nota-se uma importância maior para aqueles que são mais escolarizados (em particular, para pardos e pretos). No entanto, os grupos com baixa e média escolarização ainda são proeminentes nos casamentos inter-raciais.

Comparando nível educacional

Em contraste com outros atributos, como país de origem ou raça, escolarização é um atributo adquirido, e o investimento na escolarização é parcialmente motivado pela perspectiva de casamento, bem como maior poder de mercado (Goldin et al. 2006). As normas sociais nos padrões familiares mudaram nas últimas décadas e têm implicações importantes no papel da mulher em casa, no mercado de trabalho e no nível de escolaridade. Como consequência de todos esses eventos, as mulheres estão estudando mais em média e houve uma mudança na composição dos casamentos em relação à educação nos últimos anos (Hakak e Firpo 2017).

Além disso, a expansão do acesso ao sistema educacional (em particular o acesso à faculdade), no período, não ficou apenas restrito aos brancos, mas se deu entre pardos e pretos também, diminuindo, em certa medida, as desigualdades educacionais entre os grupos de cor (Sampaio 2015; Ribeiro e Silva 2009). Embora, ainda persistem consideráveis e se agravem no decorrer do percurso escolar, atingindo o ápice no ensino superior. Diante disso, as distribuições educacionais da população se tonaram mais heterogêneas, o que pode explicar um aumento dos casamentos entre pessoas com níveis educacionais distintos. Sinal de que as barreiras entre grupos educacionais adjacentes têm diminuído.

Contudo, cabe apontar, que há exceção para aquelas pessoas mais escolarizadas (em particular com > 11 anos). Isso porque só as pessoas que estão em níveis de escolaridade intermediários é que estão mais propensas a se casarem com parceiros de um nível educacional distinto do seu. Ainda assim, é importante ressaltar que as barreiras aos casamentos entre pessoas com níveis educacionais muito distintos continuam extremamente fortes, independentemente da cor dos cônjuges.

A Figura A5 mostra a proporção de maridos e esposas, para cada grupo racial, com o mesmo nível de escolaridade, maridos mais instruídos que esposas e esposas mais instruídas que maridos. E, podemos ver que a porcentagem de esposas mais educadas que maridos passou

de, aproximadamente, 4%, 6% e 7% em 1992 para brancos, pardos e pretos, respectivamente, para 9%, 10% e 18% em 2015. Enquanto isso, o número de homens mais escolarizados do que de mulheres não cresceu muito nos mesmos anos, independentemente do grupo racial.

3.3.4. Localidade

Para o mercado matrimonial brasileiro, é importante considerar as diferenças regionais na composição racial. Elas, por sua vez, não só remontam a dinâmica dos grandes ciclos econômicos experimentados pelo país ao longo de sua história, como os da cana-de-açúcar, do ouro, do algodão e do café (Furtado 2007); mas também são reflexo do processo de industrialização e de seus efeitos dinamizadores sobre os demais setores da economia, responsáveis pelo aumento sem precedentes dos fluxos migratórios internos, em particular, para áreas metropolitanas nas últimas décadas (Amaral 2013a).

Por meio da Figura A6, notamos que as regiões Nordeste e Sudeste tem consistentemente uma taxa mais alta do que as outras regiões. Embora, a região Centro-Oeste tem tido também, ao longo do período, uma certa importância. Além disso, até aquelas mais baixas quando comparadas, por exemplo, com os resultados encontrados em Fryer (2007) são superiores.

Na região Norte, as taxas de casamentos eram relativamente baixas até 1999. E, em certos casos, inferior a região Sul, como é o caso para os pretos. Com o passar do tempo, porém, a distância entre as duas aumentou gradativamente, com exceção dos brancos, pois geralmente divergem menos, seguindo uma trajetória parecida. Para os pardos, por sua vez, ela ultrapassou, em 2015, atingindo o valor de 4%. Já, para os pretos, a partir de 2011, tem tido taxas que superam a região Centro-Oeste.

Cabe apontar, por fim, que contabilizando a participação de cada grupo racial dentro de cada região, o Norte e Sul ganham uma importância maior para brancos e pardos, respectivamente. Apesar disso, as regiões Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste continuam a ter certo destaque, embora a distância entre elas com o restante não seja tão expressiva.

Urbana/Rural

Nas últimas décadas, houve uma grande migração das áreas rurais – lugar em que os pardos estiveram historicamente concentrados – para os centros urbanos.⁹ Na medida em que essa migração proporciona uma heterogeneidade racial no mercado de casamento, o esperado é que a endogamia racial diminua. E, na Figura A7, realmente, vemos que é comum as uniões interraciais ocorrerem, justamente, nas áreas urbanas. Embora, contabilizando a participação de cada grupo racial dentro de cada região, as rurais acabam tendo uma certa importância tanto para brancos quanto pretos.

Apesar da dissimilaridade residencial entre brancos, pardos e pretos ser considerada moderada a baixa pelos padrões dos EUA, cabe apontar que a residência nessas áreas, no entanto, continua a ser diferenciada por região. Os não brancos são especialmente propensos a viver nos setores mais pobres dessas localidades. E, por sua vez, a segregação racial é, portanto, mais provável de acontecer nos níveis de renda mais altos, onde uma série de opções estão disponíveis e a raça pode acabar se tornando um critério na seleção do bairro (Valente e Brian 2020).

⁹De 1980 a 2010, a população urbana do Brasil cresceu de 67,70% para 84,40% do total da população (IBGE 2010a).

4. Metodologia

As análises da seção anterior demonstram que os tipos de indivíduos que optam por casamentos com pessoas de grupos heterogêneos tiveram algumas mudanças ao longo das últimas décadas. Isso, juntamente com a mudança de status social e econômico dos grupos raciais, pode explicar alguns dos padrões nos dados. Assim, é interessante explorar até que ponto as diferenças nas tendências de casamentos inter-raciais podem ser explicadas por algumas características observáveis dos indivíduos.

Blinder (1973) e Oaxaca (1973)¹⁰ fornecem uma maneira direta de calcular tais decomposições. A ideia-chave envolve estimar regressões específicas de raça para obter pesos colocados em várias características de parceiros para cada potencial correspondência racial. Uma vez que existem diferenças significativas na propensão de diferentes gêneros dentro de um grupo racial a se casarem, também analiso cada combinação de gênero. Em símbolos, pretendo estimar, primeiramente, uma regressão com base no seguinte modelo:

$$\text{Casamentos inter - raciais}_{ijt} = \alpha_t + X\beta_t + \epsilon_{ijt} \quad (1)$$

onde $\text{Casamentos inter - raciais}_{ijt}$ é uma variável *dummy* que representa se o gênero i da raça j no ano t encontra-se em uma união exogâmica. Ela igual a 1 se o cônjuge for de uma cor diferente e 0 caso contrário. Enquanto, X é um vetor de covariáveis relevantes do gênero i no ano t , como educação, idade, localidade e renda.

Com base na regressão acima, a decomposição de Blinder-Oaxaca computaria as contribuições das diferenças em características observáveis entre os grupos (p.e, entre homens brancos e homens pretos) e das diferenças entre os coeficientes associados a essas características para explicar as diferenças dos padrões médios de casamentos inter-raciais dos dois grupos. Sendo assim, a implementação da decomposição é feita da seguinte maneira (os subscritos i e t são suprimidos pra simplificar a notação):

$$\begin{aligned} \overline{\text{Casamentos inter - raciais}}_{j_1} - \overline{\text{Casamentos inter - raciais}}_{j_2} = & \underbrace{b^*(\overline{X}_{j_1} - \overline{X}_{j_2})}_{\text{termo explicado pela diferença das covariadas}} + \\ & \underbrace{\overline{X}_{j_1}(b_{j_1} - b^*)}_{\text{termo não explicado de } j_1} + \underbrace{\overline{X}_{j_2}(b^* - b_{j_2})}_{\text{termo não explicado de } j_2} \quad (2) \\ & \underbrace{\hspace{10em}}_{\text{termo não explicado}} \end{aligned}$$

onde b_{j_1} e b_{j_2} são os coeficientes estimados de (1) e as variáveis com uma barra em cima são os valores médios. Já, b^* diz respeito ao coeficiente de referência, que fica a critério do pesquisador. Contudo, nem sempre há base para supor que o coeficiente de um ou outro grupo é não discriminatório. Sendo assim, baseado em Jann (2008) faço uso de uma regressão que agrupa observações de ambos os grupos j_1 e j_2 e que inclui como regressor adicional a variável indicadora do grupo.¹¹

Como a equação (2) mostra, a decomposição divide a diferença nos resultados médios em uma parte que é explicada pelas diferenças entre os grupos nas variáveis explicativas, e uma parte que permanece inexplicável por essas diferenças. Cabe apontar, que tal metodologia assume uma relação linear entre a variável dependente e suas covariadas.

¹⁰Tal técnica foi aplicada na literatura sobre mercado de trabalho, discriminação e desigualdade em saúde (Stanley e Jarrell 1998; Weich selbaumer e Winter-Ebner 2005; O'Donnell et al. 2008), além de ter sido usado para decompor mudanças ao longo do tempo (Le e Miller 2004).

¹¹Todas as análises foram realizadas no R utilizando o pacote *oaxaca* criado por Hlavac (2022). Além disso, os resultados se mantêm quando outras especificações da decomposição são utilizadas.

5. Resultados

A [Tabela 2](#) apresenta uma série de resultados das decomposições para cada ano entre 1992 e 2015.¹² As seis linhas da tabela comparam padrões de casamentos inter-raciais para homens brancos e pardos, homens brancos e pretos, homens pardos e pretos, mulheres brancas e pardas, mulheres brancas e pretas e mulheres pardas e pretas. Uma conclusão geral dessa análise é que as características usadas aqui geralmente não são muito úteis para explicar as diferenças no casamento inter-racial entre esses grupos. Em apenas duas das comparações - homens pardos e pretos e mulheres pardas e pretas – os resultados são positivos, apesar de pequenos, ao longo de todo o período. O interessante é que para ambos fica sempre em torno de 1%-2%, o que denota uma certa estabilidade. Quando comparado com [Fryer \(2007\)](#), os valores são, de fato, menores (em módulo); porém, nos seus achados não há essa persistência, dado a grande variabilidade de ano para ano. Além disso, há outros dois grupos em que podemos ver também essa constância, mas em valores negativos; a saber, homens brancos e pardos e mulheres brancas e pardas.

Tabela 2: Decomposição das diferenças nas taxas de casamentos inter-raciais para os diferentes grupos de raça/gênero

(parte da diferença explicada por diferentes características do grupo)

	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
Homens																					
Branco(s)/Pardo(s)	-0.053	-0.049	-0.05	-0.05	-0.053	-0.052	-0.056	-0.068	-0.065	-0.068	-0.061	-0.059	-0.056	-0.057	-0.054	-0.057	-0.052	-0.05	-0.056	-0.055	-0.058
Branco(s)/Preto(s)	-0.076	-0.069	-0.05	-0.07	-0.068	-0.064	-0.069	-0.09	-0.091	-0.096	-0.09	-0.092	-0.101	-0.103	-0.105	-0.109	-0.11	-0.109	-0.12	-0.118	-0.128
Pardo(s)/Preto(s)	0.017	0.021	0.02	0.019	0.018	0.02	0.018	0.019	0.022	0.022	0.022	0.022	0.017	0.019	0.018	0.017	0.01	0.013	0.008	0.011	0.009
Mulheres																					
Branca(s)/Parda(s)	-0.07	-0.068	-0.067	-0.067	-0.071	-0.063	-0.067	-0.078	-0.078	-0.075	-0.069	-0.066	-0.066	-0.068	-0.06	-0.064	-0.064	-0.06	-0.064	-0.068	-0.07
Branca(s)/Preta(s)	-0.079	-0.069	-0.065	-0.063	-0.069	-0.064	-0.062	-0.081	-0.083	-0.095	-0.086	-0.091	-0.097	-0.099	-0.106	-0.11	-0.103	-0.109	-0.113	-0.112	-0.122
Parda(s)/Preta(s)	0.017	0.018	0.02	0.023	0.014	0.019	0.019	0.018	0.021	0.021	0.02	0.021	0.016	0.02	0.017	0.016	0.013	0.014	0.01	0.014	0.012

Notas: As tabelas comparam os padrões de casamento inter-racial para homens brancos e pardos; homens brancos e pretos; homens pardos e pretos; mulheres brancas e pardas; mulheres brancas e pretas; e mulheres pardas e pretas. Os resultados apresentados são a parte explicada das decomposições de Blinder-Oaxaca. Todas as regressões incluíram covariáveis para educação, idade, localidade e renda.

Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 a 2015.

Na [Figura A8](#), onde os resultados acima foram colocados em um gráfico para melhor visualização, podemos notar dois pontos igualmente interessantes. O primeiro é que o grupo de branco(a)s/preto(a)s apresentam valores negativos decrescentes (em módulo). Já, o segundo diz respeito ao fato do padrão ser semelhante entre homens e mulheres; algo que difere, por exemplo, dos números encontrados por [Fryer \(2007\)](#). De todo modo, é preciso olhar para mais do que características do grupo para explicar as diferenças no casamento inter-racial entre os grupos raciais e de gênero encontradas nos dados.

Decomposição variável por variável

Nas [Figuras A9 e A10](#), são apresentadas a parte explicada da decomposição variável por variável. Nelas podemos ver que há também uma certa similaridade no padrão dos resultados para homens e mulheres e seus respectivos grupos raciais. Com relação à educação, há um crescimento da sua importância. Com à idade, há uma estabilidade para branco(a)s/pardo(a)s e pardo(a)s/preto(a)s e uma redução para branco(a)s/preto(a)s. Já para a renda, há uma estabilidade apenas para o segundo grupo, enquanto, nos outros, o cenário é de queda. Por sua vez, olhando para à localidade vemos que, comparado com a região Centro-Oeste, há um aumento para região Norte e Sudeste, mas apenas para branco(a)s/pardo(a)s e pardo(a)s/preto(a)s. E, no Sul, por fim, notamos uma estabilidade somente para o segundo.

¹²O percentual das amostras em que aparece NA é entre 1%-2% ao longo das regressões.

6. Conclusão

Os resultados nesse estudo, apesar de considerar tanto uniões formais quanto informais, sugerem que na esfera da sociabilidade representada pela união matrimonial, tanto brancos quanto pretos se encontram relativamente mais próximos de pardos. Além disso, mudar as características do grupo não parece ser o caso para explicar as tendências ao longo do tempo observadas em casamentos inter-raciais entre qualquer um dos grupos sob estudo, exceto talvez para homens pardos e pretos ou para mulheres pardas e pretas.

Embora, tais uniões tenham sido estudadas no Brasil há muito tempo, muitas questões permanecem sem resposta, especialmente no que diz respeito aos fatores que as influenciam. Apesar disso, esse trabalho não busca discutir causalidade. Contudo, uma linha de pesquisa interessante, dado a importância da dimensão familiar, seria analisar se há um componente intergeracional na escolha do parceiro.

Outra questão que não é abordada são os filhos dessas uniões. Analisar as relações raciais para além do casal diz respeito às próprias consequências dos casamentos inter-raciais, em que há maior possibilidade de se ter filhos com características físicas diferentes, as quais são associadas a grupos raciais distintos, tendo em vista que nossa classificação é fortemente relacionada ao fenótipo das pessoas. Contudo, vale ressaltar a dificuldade de analisar no âmbito intrafamiliar tais relações de forma ampliada em virtude da limitação metodológica, muita das vezes restrita às pesquisas qualitativas.

7. Referências Bibliográficas

- Alba, Richard; Nee, Victor (2003). *Remaking the American Mainstream: Assimilation and Contemporary Immigration*. Harvard University Press, Cambridge, MA.
- Amaral, Ernesto F. de Lima. (2013a). *Brazil, Internal Migration*. Wiley Online Library.
- Anderberg, Dan; Vickery, Alexander (2021). The role of own-group density and local social norms for ethnic marital sorting: Evidence from the UK. *European Economic Review* 138, 103774.
- Araújo, Zito Joel (2000). *A Negação do Brasil: O Negro na Telenovela Brasileira*. São Paulo: Editora SENAC.
- Arias O, Tejerina L (2004). *Education, Family Background and Racial Earnings Inequality in Brazil*, manuscript, Inter-American Development Bank, Washington, DC, USA.
- Beltrão, Kaizô Iwakami; Sugahara, Sonoe; Teixeira, Moema De Poli (2016). Os atributos de cor/raça e escolaridade no mercado matrimonial brasileiro: meio século de negociações. *Anais*, p. 1-21.
- Berquó, Elza (1987). *Nupcialidade da População Negra no Brasil*. Coleção Textos Nepo 11:8-47.
- Blinder, A. S. (1973). Wage discrimination: Reduced form and structural estimates. *Journal of Human Resources*, 8(4), 436-455.
- Campante, F.; Crespo, A.; Leite P. (2004). Wage inequality across races in brazilian urban labor markets: regional aspects. *Rev Bras Econ*;58(2):185-210.
- Campos, L.; Júnior, J. (2015). *Televisão em Cores? Raça e sexo nas telenovelas "Globais" (1984-2014)*. Textos para discussão gemma, v. 10, p. 2.
- Chesnut, R Andrew (1997). *Born Again in Brazil: The Pentecostal Boom and the Pathogens of Poverty*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- de la Fuente, Alejandro (2001). *A Nation for All: Race, Inequality, and Politics in Twentieth-Century Cuba*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press.
- França, M. (2020). *Fecundidade, identificação racial e desigualdade*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Francis-Tan, A.; Tannuri-Pianto, M. (2015). Inside the black box: affirmative action and the social construction of race in Brazil. *Ethnic and Racial Studies*, v. 38, n. 15, p. 2771-2790.
- Fryer, Roland G. (2007). Guess Who's Been Coming to Dinner? Trends in Interracial Marriage over the 20th Century. *Journal of Economic Perspectives* 21:71-90.
- Furtado, C. (2007). *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Goldin, Claudia, Lawrence F. Katz, and Ilyana Kuziemko (2006). The Homecoming of American College Women: The Reversal of the College Gender Gap. *Journal of Economic Perspectives*, 20, 133-56.
- Gordon, Milton Myron (1964). *Assimilation in American Life: The Role of Race, Religion and National Origins*. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press.
- Guimarães, A. S. A. (2003). Como trabalhar com "raça" em sociologia. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107.
- Hakak, L., Firpo, S. (2017). Household income inequality and education in marriage Market in Brazil: an empirical study. *The Quarterly Journal of Economics*, 112, 115-139.

- Hlavac, Marek (2022). *oaxaca: Blinder-Oaxaca Decomposition in R*. R package version 0.1.5.
- Hou, Wu; Zheng, Schimmele, Christoph; Myles, John (2015). Cross-country variations in interracial marriage: a U.S.-Canada comparison of metropolitan areas. *Ethn. Racial Stud.* 38 (9), 1591–1609.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). (2010a). Censo demográfico 2010. Características urbanísticas do entorno dos domicílios. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Jesus, Josimar Gonçalves de; Hoffmann, Rodolfo (2020). De norte a sul, de leste a oeste: mudança na identificação racial no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População* 37.
- Jann, B. (2008). The Blinder–Oaxaca decomposition for linear regression models. *The Stata Journal*, 8(4), 453–479.
- Kalmijn, Matthijs (1998). Intermarriage and Homogamy: Causes, Patterns, Trends. *Annual Review of Sociology* 24:395–421.
- Kalmijn, Matthijs (2012). The Educational Gradient in Intermarriage: A Comparative Analysis of Immigrant Groups in the United States. *Social Forces* 91:453–76.
- La Ferrera, E.; Chong, A.; Duryea, S. (2012). Soap Operas and Fertility: Evidence from Brazil. *American Economic Journal: Applied Economics*, v. 4, n. 4, p. 1-31.
- Le, A. T., and P. Miller. (2004). School-Leaving Decision in Australia: A Cohort Analysis. *Education Economics* 12 (1): 39–65.
- Lee, Jennifer; Bean, Frank D. (2010). *The Diversity Paradox*. Russell Sage, New York.
- Lee, Sharon M.; Edmonston, Barry (2005). New marriages, new families: U.S. Racial and hispanic intermarriage. *Popul. Bull.* 60 (2), 1–35.
- Longo, Luciene A. (2011). Uniões intra e inter-raciais , status marital , escolaridade e religião no Brasil : um estudo sobre a seletividade marital feminina , 1980-2000. Dissertação (Doutorado) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional Faculdade de Ciências Econômicas - UFMG. 2011.
- McKinnon, Sarah; Potter, Joseph E.; Garrard-Burnett, Virginia (2008). Adolescent fertility and religion in Rio de Janeiro, Brazil in the year 2000: The role of Protestantism. *Population Studies*; 62:289– 303. [PubMed: 18937143]
- Monk, E. (2013). *Color, bodily capital, and ethnoracial division in the U.S. and Brazil*. PhD Dissertation. Berkeley, CA: UC Berkeley.
- Moutinho, Laura (2004). Razão, "cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais "inter-raciais" no Brasil e na África do Sul. São Paulo: Unesp.
- Muniz, J. O.; Bastos, J. L. (2017). Classificatory volatility and (in)consistency of racial inequality. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 33, supl. 1.
- Oaxaca, Ronald (1973). Male–Female Wage Differentials in Urban Labor Markets. *International Economic Review*, 14(3): 693–709.
- O’Donnell, O., E. Van Doorslaer, A. Wagstaff, and M. Lindelow. (2008). *Analyzing Health Equity Using Household Survey Data. A Guide to Techniques and Their Implementation*. Washington, DC: The World Bank.
- Petrucelli, José Luis (2001a). Seletividade por cor e escolhas conjugais no Brasil dos 90. *Estudos Afro-Asiáticos* 23(1):29–51.
- Qian, Z. (1997). Breaking the racial barriers: variations in interracial marriage between 1980 and 1990. *Demography* 34 (2), 263–276.

- Qian, Zhenchao; Lichter, Daniel T. (2007). Social Boundaries and Marital Assimilation: Interpreting Trends in Racial and Ethnic Intermarriage. *American Sociological Review* 72:68–94.
- Qian, Zhenchao; Lichter, Daniel T. (2011). Changing patterns of interracial marriage in a multiracial society. *J. Marriage Fam.* 73 (5), 1065–1084.
- Rangel, M. A. (2015). Is Parental Love Colorblind? Human Capital Accumulation within Mixed Families. *Review of Black Political Economy*, v.42, n. 1-2, p.57-86.
- Ribeiro, C. A. C.; Silva, N. V. (2009). Cor, educação e casamento: tendência da seletividade marital no Brasil, 1960 a 2000. *Dados: revista de ciências sociais*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p.7-51.
- Sampaio, H. (2015). Higher Education in Brazil: Stratification in the Privatization of Enrollment, Chapt. 9, pp. 53-81
- Silva, Nelson Do Valle (1987). Distância Social e Casamento Inter-Racial no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos* n. 14, p. 54–84.
- Silveira, L. S. (2019). Reclassificação racial e desigualdade: análise longitudinal de variações socioeconômicas e regionais no Brasil entre 2008 e 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Silveira, L. S.; Tomas, M. C. (2019). Fluidez racial na Região Metropolitana de Belo Horizonte: características individuais e contexto local na construção da raça. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 36, p. 1-22.
- Skidmore, T. E. (2012). *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Soares, S. S. D. (2008). A demografia da cor: a composição da população brasileira de 1870 a 2007. *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição*. Brasília: Ipea, p. 97-117.
- Stanley, T. D., and S. B. Jarrell. (1998). Gender Wage Discrimination Bias? A Meta-Regression Analysis. *Journal of Human Resources* 33: 947–73.
- Telles, E. E. (2002). Racial ambiguity among the Brazilian population. *Ethnic and Racial Studies*, 25(3):415–441.
- Telles, E. E. (2003). *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, cap. 5-8.
- Telles, E. E. (2004). *Race in Another America: The Significance of Skin Color in Brazil*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Telles, E. E., Garcia, Denia (2013). Mestizaje and Public Opinion in Latin America. *Latin American Research Review* 48:130–52.
- Valente, Rubia da Rocha, and Brian J. L. Berry. (2020). Residential Segregation by Skin Color: Brazil Revisited. *Latin American Research Review* 55(2), pp. 207–226
- Wade, Peter (1997). *Race and Ethnicity in Latin America*. Vol. 3. London, United Kingdom: Pluto Press.
- Weichselbaumer, D., and R. Winter-Ebner. 2005. A Meta-Analysis of the International Gender Wage Gap. *Journal of Economic Surveys* 19: 479–511.
- Wong, L. (2003). Why do only 5.5 % of black men marry white women? *Int Econ Rev* 44(3):803-826.

8. Apêndice

A1

Porcentagem de casamentos inter-raciais de brancos, pardos e pretos, por gênero, ajustando para o tamanho relativo do grupo

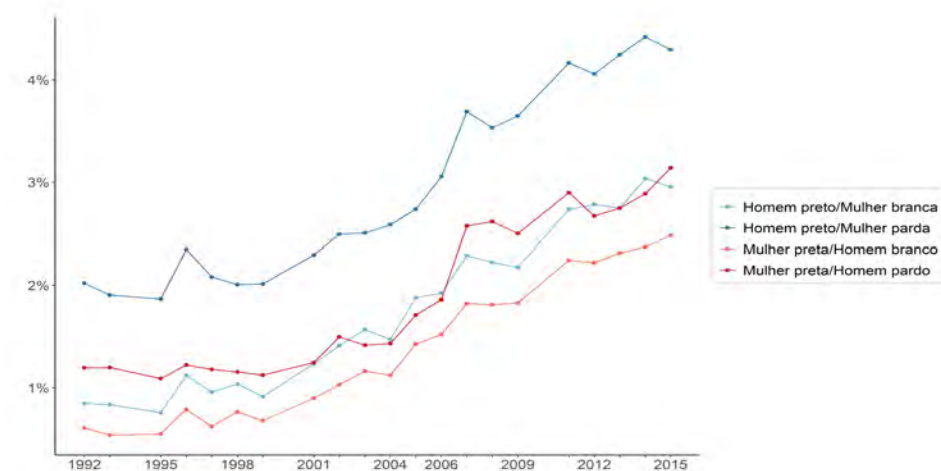
(a) Brancos



(b) Pardos



(c) Pretos



Nota: Os gráficos apresentam a evolução temporal da proporção de casamentos inter-raciais, ajustando para a população relativa de cada grupo.

Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 a 2015.

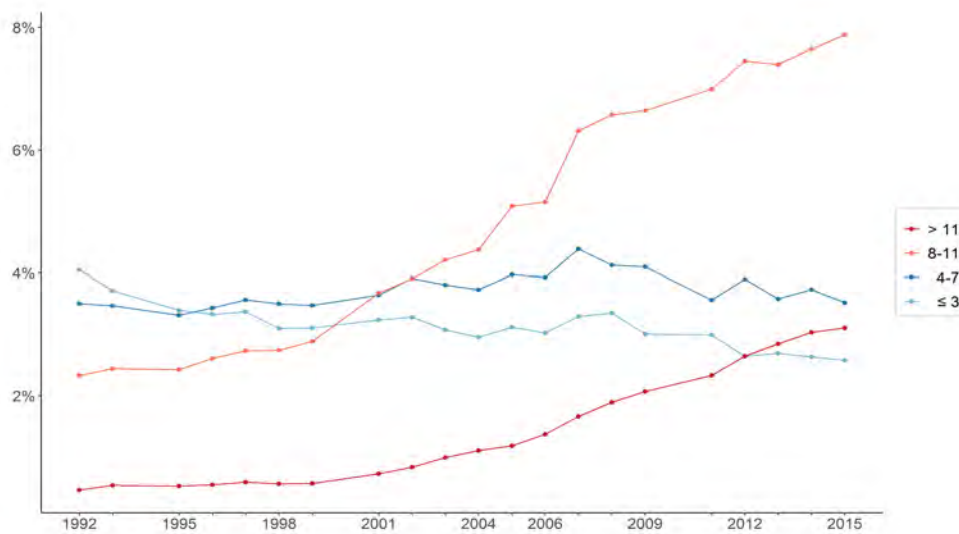
A2

Porcentagem de casamentos inter-raciais de homens brancos (a) e mulheres brancas (b), por nível educacional

(a) Homens brancos



(b) Mulheres brancas

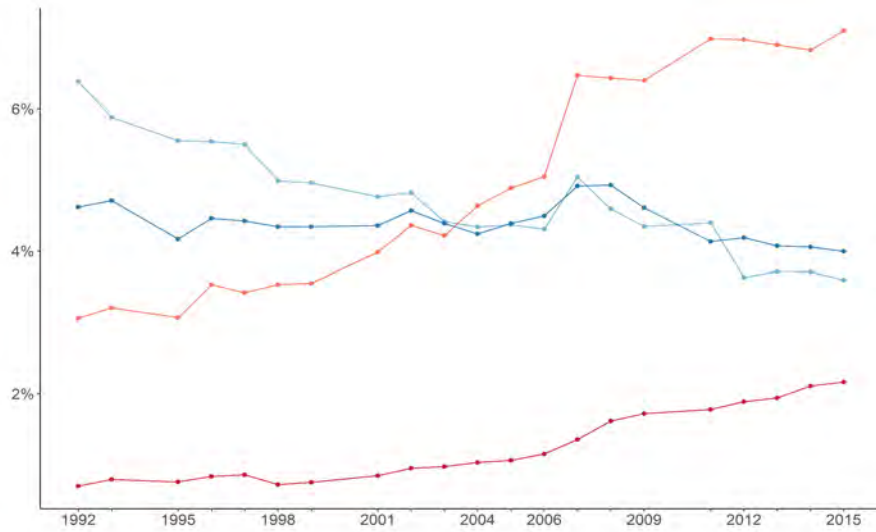


Nota: Os gráficos apresentam a evolução temporal da proporção de casamentos inter-raciais para brancos, por nível educacional.
Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 a 2015.

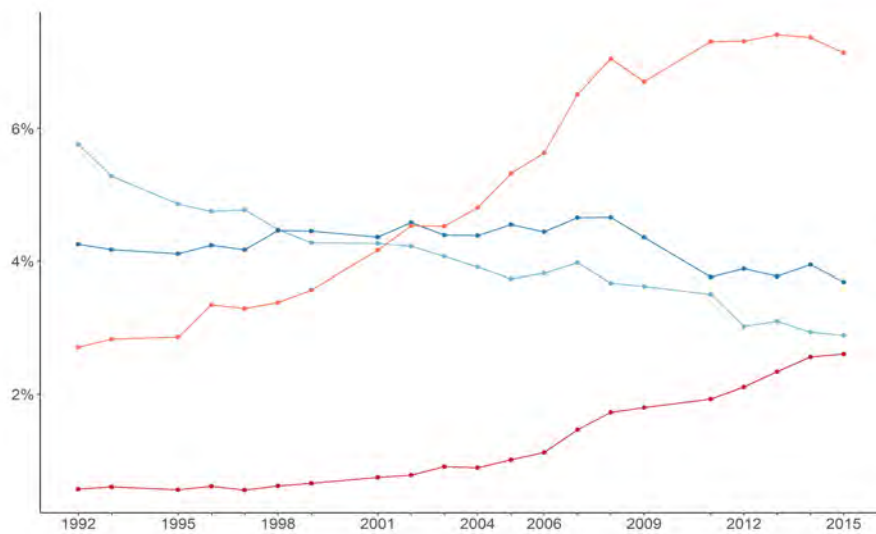
A3

Porcentagem de casamentos inter-raciais de homens pardos (a) e mulheres pardas (b), por nível educacional

(a) Homens pardos



(b) Mulheres pardas



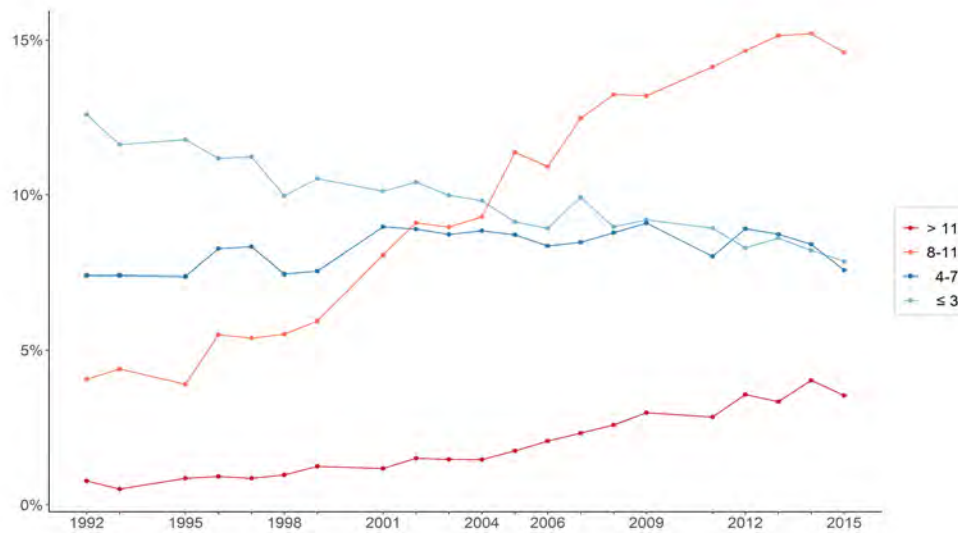
Nota: Os gráficos apresentam a evolução temporal da proporção de casamentos inter-raciais para pardos, por nível educacional.

Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 a 2015.

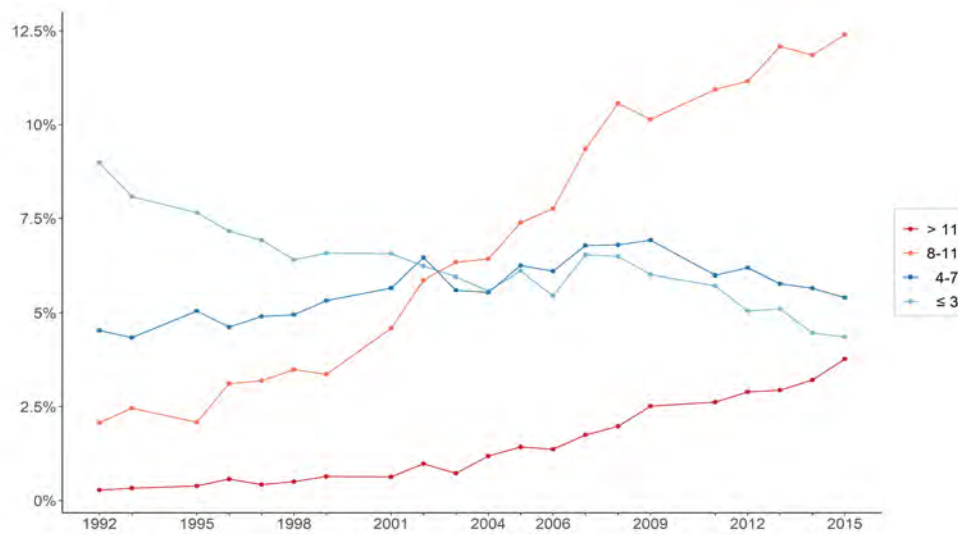
A4

Porcentagem de casamentos inter-raciais de homens pretos (a) e mulheres pretas (b), por nível educacional

(a) Homens pretos



(b) Mulheres pretas

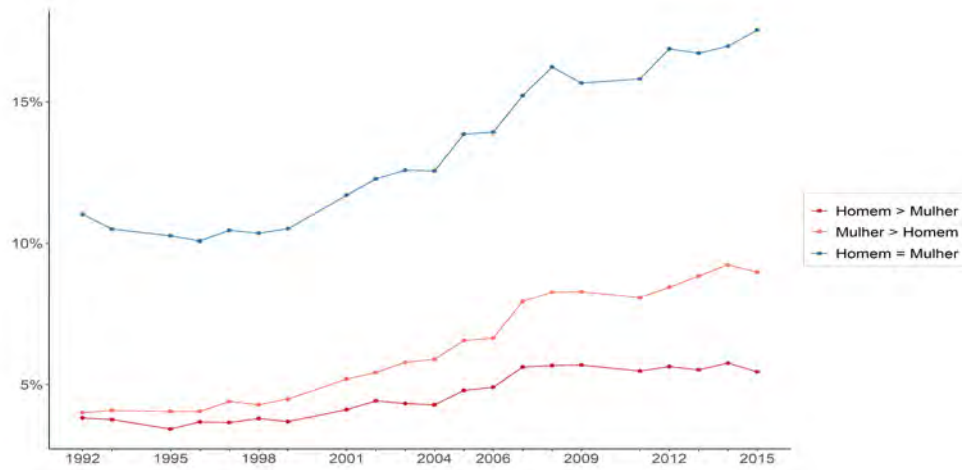


Nota: Os gráficos apresentam a evolução temporal da proporção de casamentos inter-raciais para pretos, por nível educacional.
 Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 a 2015.

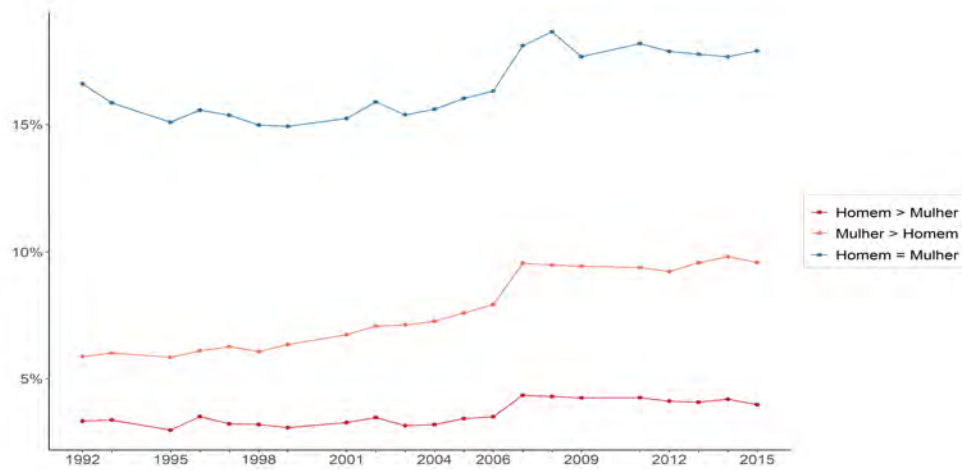
A5

Porcentagem de casamentos inter-raciais de brancos, pardos e pretos, comparando nível educacional

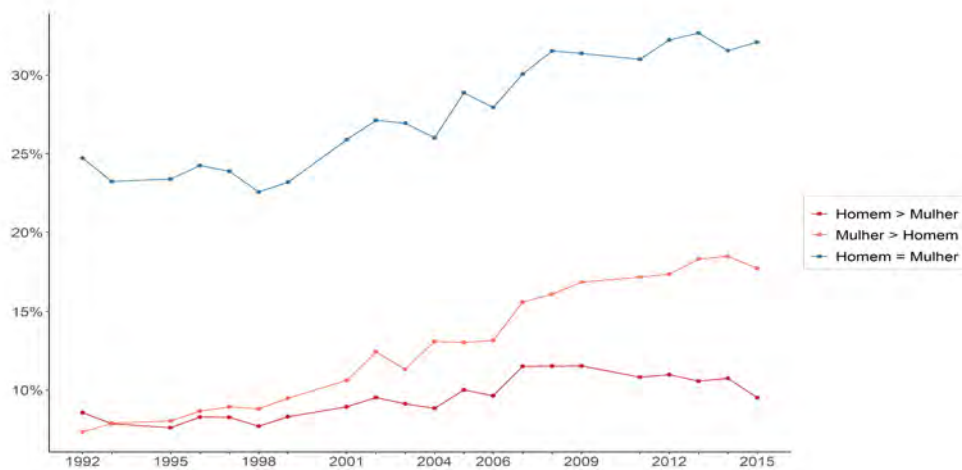
(a) Brancos



(b) Pardos



(c) Pretos

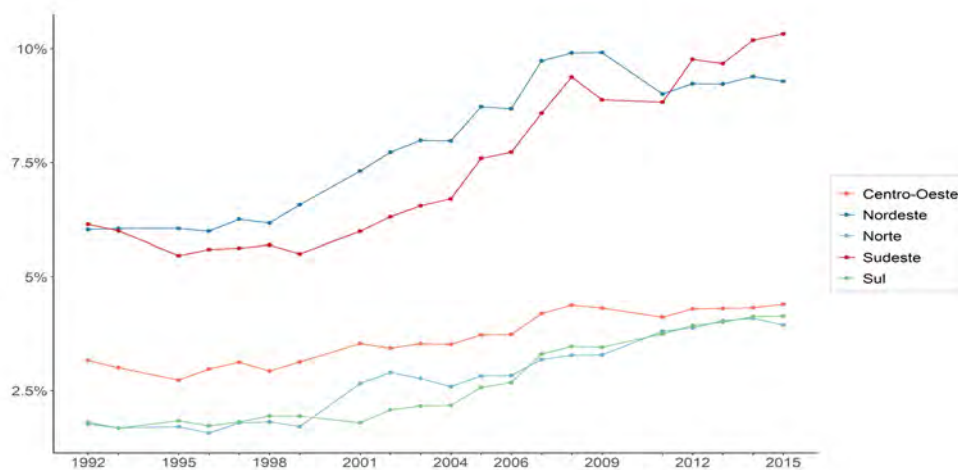


Nota: Os gráficos apresentam a evolução temporal da proporção de casamentos inter-raciais, comparando o nível educacional.
 Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 a 2015.

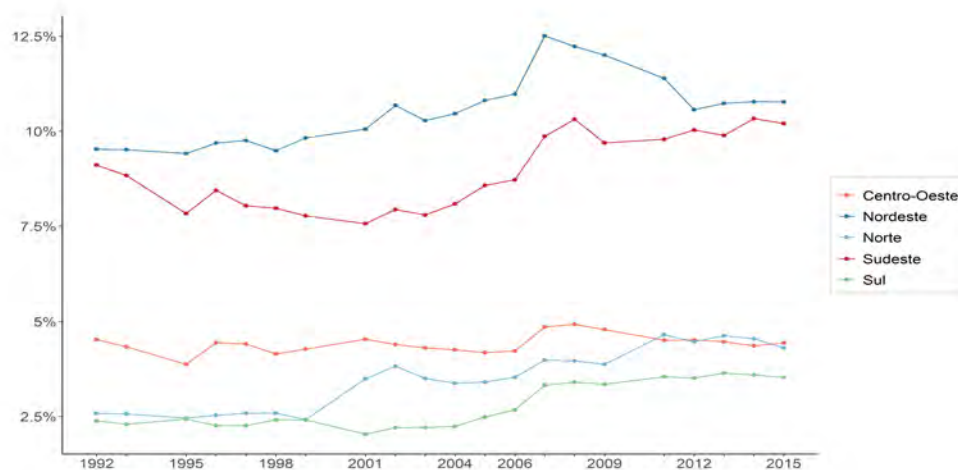
A6

Porcentagem de casamentos inter-raciais de brancos, pardos e pretos, por macrorregiões

(a) Brancos



(b) Pardos



(c) Pretos

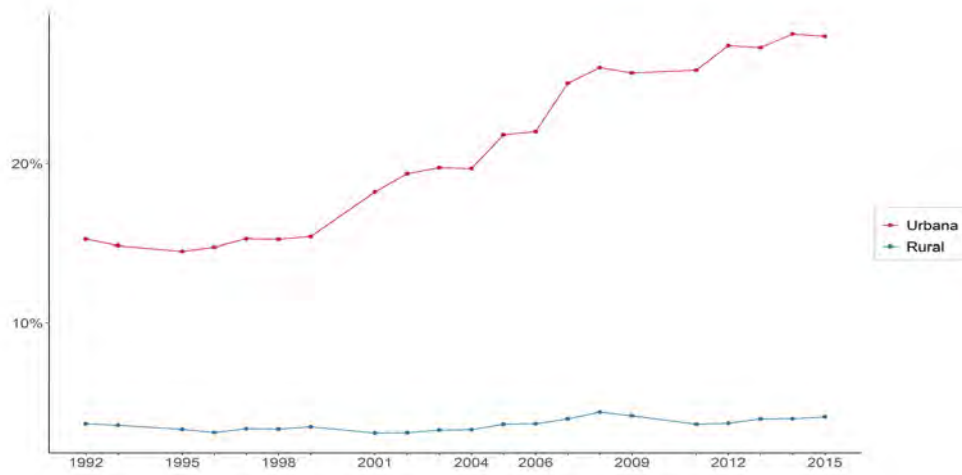


Nota: Os gráficos apresentam a evolução temporal da proporção de casamentos inter-raciais, por macrorregiões.
 Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 a 2015.

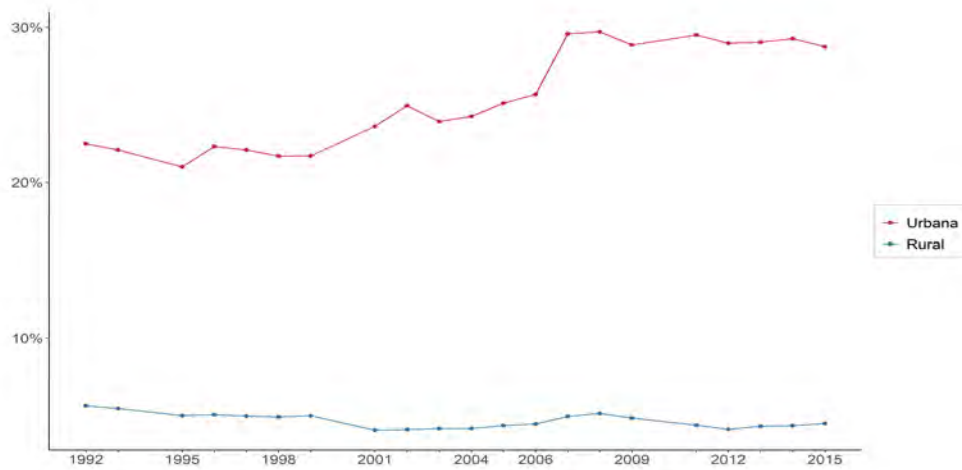
A7

Porcentagem de casamentos inter-raciais de brancos, pardos e pretos, por região urbana e rural

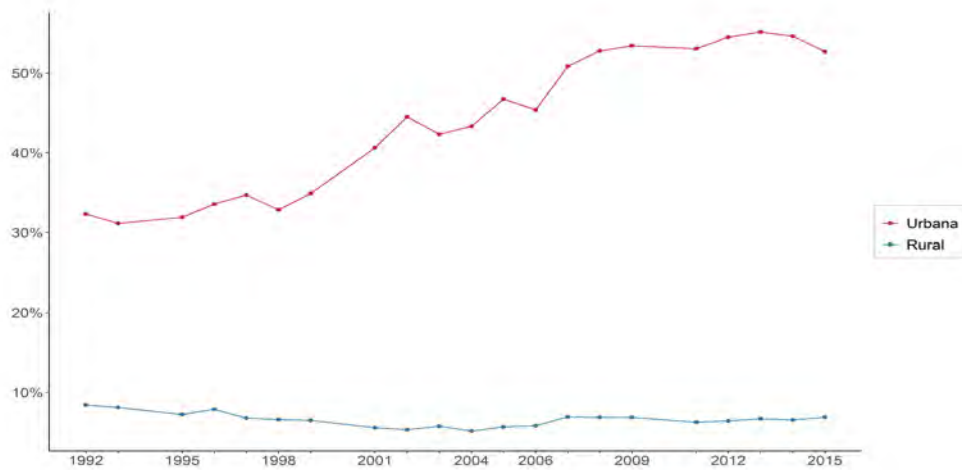
(a) Brancos



(b) Pardos



(c) Pretos



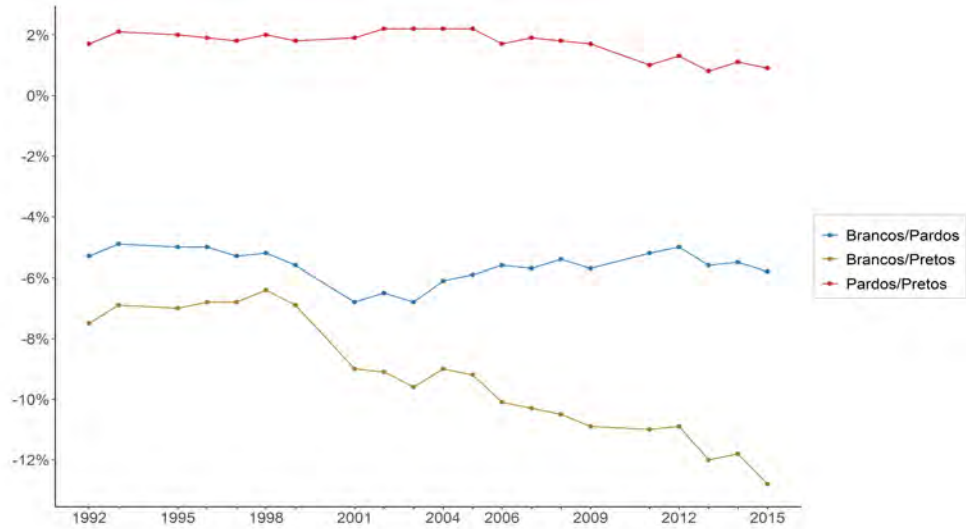
Nota: Os gráficos apresentam a evolução temporal da proporção de casamentos inter-raciais, por situação domiciliar.

Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 a 2015.

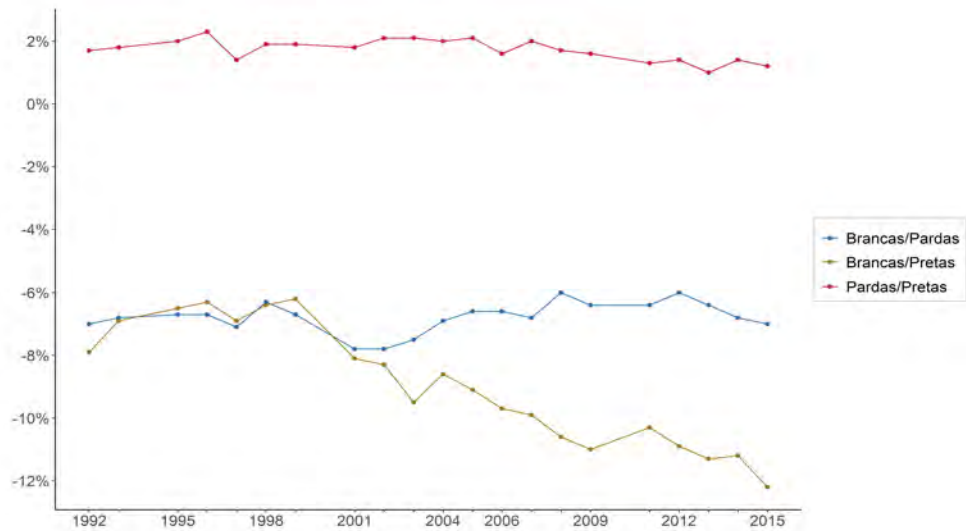
A8

Parte explicada da decomposição para (a) homens e (b) mulheres

(a) Homens



(b) Mulheres



Nota: Os gráficos apresentam a evolução temporal da parte explicada da decomposição, por gênero.

Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 a 2015.

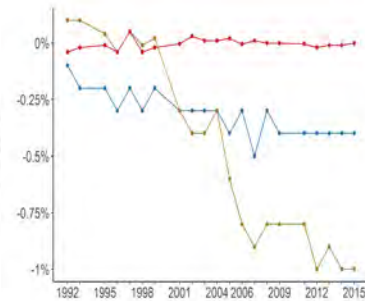
A9

Parte explicada da decomposição variável por variável para homens

(a) Educação



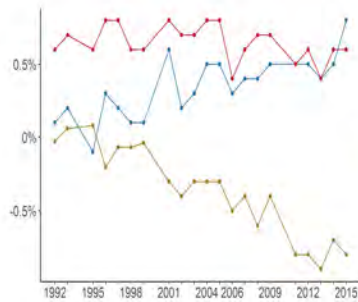
(b) Idade



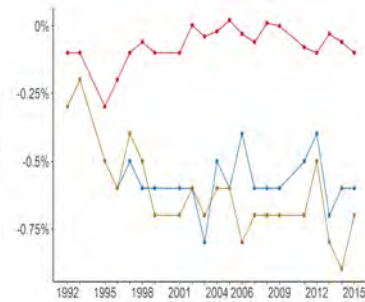
(c) Nordeste



(d) Norte



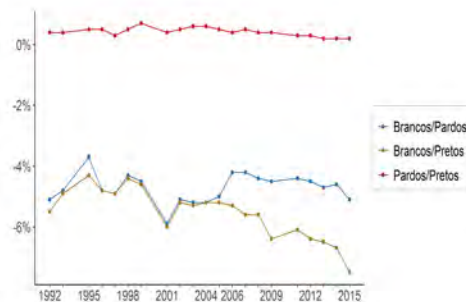
(e) Renda



(f) Sudeste



(g) Sul



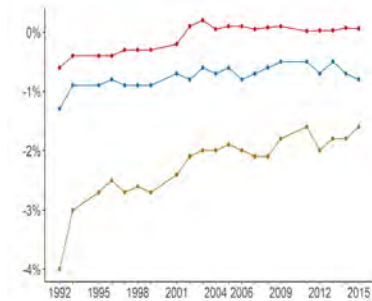
Nota: Os gráficos apresentam a evolução temporal da parte explicada da decomposição, variável por variável, para as homens.

Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 a 2015.

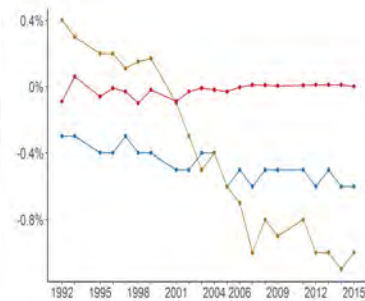
A10

Parte explicada da decomposição variável por variável para mulheres

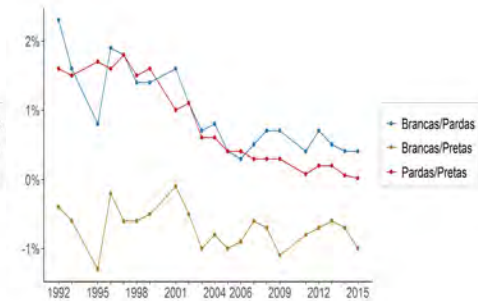
(a) Educação



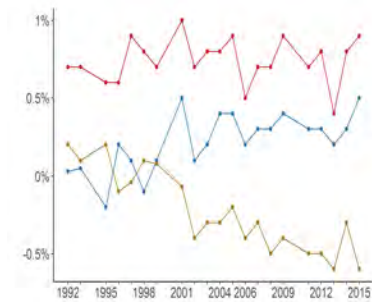
(b) Idade



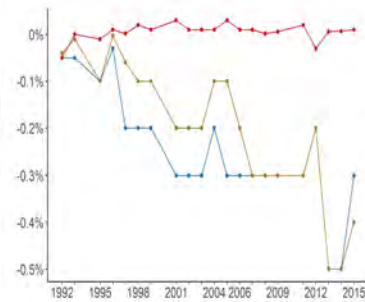
(c) Nordeste



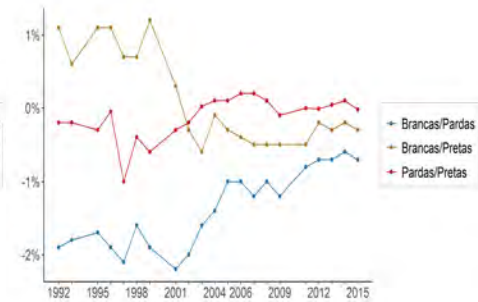
(d) Norte



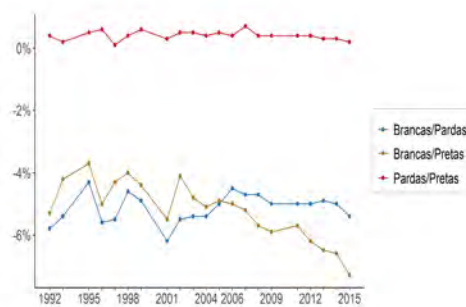
(e) Renda



(f) Sudeste



(g) Sul



Nota: Os gráficos apresentam a evolução temporal da parte explicada da decomposição, variável por variável, para as mulheres.

Fonte: Elaboração própria a partir das PNAD de 1992 a 2015.